

Documentação

Fonte: OESP (Geral)

Data: 24/9/2001 Pg: 19

Class.: 120

SEGUNDA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 2001

GERAL
AMBIENTE

○ ESTADO DE S. PAULO - A9

Ecoturismo na Amazônia ganha novas opções

Reservas de seringueiros diversificam para aumentar renda

LIANA JOHN

VALE DO GUAPORÉ – Comunidades “perdidas” às margens de rios amazônicos, há muito esquecidas pelo resto do Brasil, apostam no ecoturismo de base comunitária como opção ou complemento ao extrativismo, de que sempre viveram.

Seu público-alvo são turistas do Sul-Sudeste e do exterior, interessados em conhecer uma trilha de extração de látex ou de coleta de castanha, a rotina de uma família amazônica, um pedaço de floresta ou meandros de rios que, afora os meses de cheia, são lagos ou praias.

No Vale do Guaporé, em Rondônia, após 4 anos de reuniões, treinamentos e estudos preparatórios, as primeiras pousadas e trilhas de ecoturismo comunitário estão prontas para receber seus hóspedes. A ajuda técnica veio

do Fundo Mundial para a Natureza (WWF-Brasil) e da entidade ambientalista Ecoporé, com apoio e trabalho das associações de seringueiros Aguapé e Organização dos Seringueiros de Rondônia-OSR. O investimento total foi de quase US\$300 mil em infraestrutura, fornecidos pelos programas governamentais Proecotur, Proje-

tos Demonstrativos Amazônia (PD/A) e Planaflo, mais US\$ 80 mil captados pelo WWF para programas comunitários.

Os roteiros, de 6 a 10 dias, colocam o turista em contato direto com os exageros amazônicos, que tanto podem estar num luar quase vermelho sobre águas negras, em visões rápidas de botos e tucunarés, como em nuvens de mosquitos, de espécies variadas, sob sol e calor equatorial, logo após um banho fresco de rio.

A partir da cidade de Costa Marques, os turistas seguem de barco até Currallinho, uma reserva extrativista de 1.757 hectares, onde há hoje um centro para visitantes, de madeira e palmeiras, coberto de palha. Viajando em “voadeiras” (barcos de alumínio de fundo chato, com motor de popa), percebe-se que trechos de praia en-

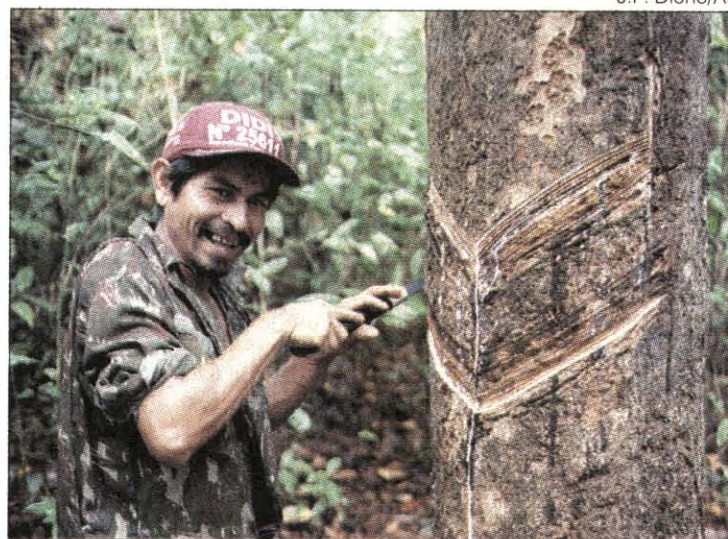
grecidos de repente revelam ser bandos imensos de biguás, dispostos a competir em velocidade com o barco.

Em Currallinho, visita-se uma casa típica dos chamados “povos da floresta”, e se percorre uma trilha com direito a uma atividade do tipo “hands-on”, de extração de látex, colhida, defumada e curtida diante do visitante.

Para os extrativistas os ganhos ainda são baixos dado o pequeno fluxo de visitantes, mas a alternativa é mais promissora do que os 16 quilos de látex (R\$ 1 o quilo) que um



Além do passeio, visitantes têm direito a mirante e observatório de aves, em meio ao silêncio da mata



Inácio Hurtado, o Gato, demonstra coleta do látex da seringueira

bom seringueiro consegue colher num dia, entalhando árvores desde as 4 da madrugada até uma ou duas da tarde, alimentando-se com um pouco de farinha e as frutas nativas.

Cerca de 240 quilômetros rio acima, está outra atração ecoturística, na comunidade de Pedras Negras, sede de reserva ex-

J.F. Diorio/AE

O programa em Pedras Negras é conhecer o “pântano”, um lago cheio de aguapés e vitória-régias, percorrer uma trilha de castanha, praticar pesca esportiva ou apenas sentar na rede para conversar com gente como “seu” Afonso Aranha de Godóis, de 73 anos, que começou a extrair látex aos 16 anos e nas entressafas colhia castanhas e apoalha, uma erva medicinal vendida aos montes para os “regatões”, barcos que comercializam à base de troca.

Para seringueiros, antes acostumados a repetir sempre as mesmas trilhas, em silêncio e à mercê dos humores da floresta, todas essas iniciativas ainda são muito novas e um pouco confusas. Mas têm um significado especial, para quem já esteve atrelado ao esquema dos regatões, que compravam a borracha barata para vender mercadorias caras. Como diz Raimundo Pereira Alves, o “Galego”: “Hoje, graças a Deus, todo mundo aqui é liberto.”

Extrativistas apostam em manejo florestal

VALE DO GUAPORÉ – Em complemento ao ecoturismo, as entidades envolvidas no projeto fazem também campanhas de educação ambiental junto à população local. Os habitantes de cidades como Costa Marques passam os fins de semana em praias fluviais, quase sempre com a produção de muito lixo. Os seringueiros das reservas extrativistas já estão na terceira campanha “acampamento ecológico”, que mobiliza jovens para distribuir sacos de lixo e conscientizar usuários das praias.

Mas além de investir em projetos de ecoturismo, os seringueiros de Rondônia também apostam em manejo florestal, para extração de madeiras no seringal conhecido como Cautário. O seringal tem 180 mil hectares, dos quais 50 mil são destinados à exploração racional de madeiras como itaúba, angelim, cambará e cumaru, além da extração tradicional de látex e castanha.

O projeto começou com 4 mil hectares, com a utilização de métodos de extração de madeira de baixo impacto e já está em processo de certificação pelo Conselho de Manejo Florestal (Forest Stewardship Council, FSC, em inglês). No manejo florestal, as áreas são exploradas uma única vez a cada trinta anos e até o limite de 40 metros cúbicos de árvores por hectare. Espera-se que após trinta anos a floresta tenha se recuperado.

Na certificação FSC, os limites para o corte de árvores são estabelecidos em função dos ecossistemas locais, podendo ser menores que 40 metros cúbicos por hectare. Além disso, exige-se que todos os trabalhadores envolvidos na extração madeireira tenham registro em carteira, pouco comum nas madeiras da região. (L. J.)